

História

A HEGEMONIA POLÍTICA DOS ESPARTANOS E FORMAS DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA COM OS PERIECOS E HILOTAS NA LACEDEMÔNIA, DO PERÍODO CLÁSSICO

Por: Luis Filipe Bantim de Assumpção¹

Resumo

Ao analisarmos os *discursos* desenvolvidos na Antiguidade Clássica da Hélade, verificamos que Esparta era o centro de poder político da Lacedemônia. Em decorrência deste aspecto, os cidadãos de Esparta e os seus governantes (*esparciatas* e *basileus*, respectivamente) conviviam e interagiam com segmentos sociais vistos como “inferiores”. Esta típica *representação* foi consolidada pelos autores do Período Clássico da Hélade, e posteriores, onde cabia aos *basileus* (reis) e aos *esparciatas* assegurar a coesão dos *periecos* e *hilotas* na Lacedemônia. Entretanto, os textos literários da Antiguidade *representaram* de maneira diversa a interação entre esses distintos grupos sociais lacedemônios. Logo, pensadores como Tucídides e Aristóteles demonstraram que os *esparciatas* teriam se utilizado da *violência física* na tentativa de controlarem os excessos e as revoltas de *hilotas* e, ocasionalmente, *periecos*. Contudo, a *violência física* seria um *mecanismo* adequado para conter a sublevação de grupos sociais dotados de um contingente tão amplo? Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo identificar as principais características dos *esparciatas*, *periecos* e *hilotas*, enquanto segmentos sociais distintos, porém, integrados em um sistema cultural complexo. Desse modo, a *violência simbólica* seria o elemento mais adequado para garantir a autoridade dos cidadãos de Esparta sobre os segmentos sociais subalternos da Lacedemônia, no Período Clássico.

¹ O Professor Luis Filipe Bantim de Assumpção é Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História, da UERJ, e atualmente é membro do núcleo de pesquisa *Atrium*, da UFRJ. O mesmo publicou, recentemente, o artigo “O *Príncipe* Augusto e as relações políticas com a sociedade espartana”, publicado no livro *Caesar Augustus – entre práticas e representações*, organizado pelo Prof. Carlos Eduardo da Costa Campos, em homenagem aos dois mil anos da morte do Imperador Otávio Augusto. Contato: lbantim@yahoo.com.br

Ao interagirmos com os acontecimentos históricos do século XX, verificamos uma aproximação do regime nazista com a rememoração do *habitus*² dos *esparciatas*³. Tal projeto político-cultural acabou estigmatizando a *pólis* de Esparta, junto à historiografia francesa e anglo-americana. Após a Segunda Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha, parte dos intelectuais europeus consolidaram a ideia de que Esparta seria “violenta e conservadora”, tal como foram compreendidas as práticas do regime nazista. Entretanto, no interior dessas argumentações modernas não podemos deixar de enfatizar que o contexto social foi determinante para a maneira como os *esparciatas* e os seus reis (*basileus*) foram representados no modo de pensamento Ocidental. Contudo, como historiadores somos levados a romper o senso comum que

² Pierre Bourdieu definiu o *habitus* como um sistema de disposições duráveis e transponíveis, que atua como princípio gerador e organizador de *práticas* (em geral), de *representações* e de *modos de pensamento* que são objetivamente adaptados as pretensões do segmento social hegemônico, de um território. BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.87.

³ Os *esparciatas* eram os cidadãos da *pólis* de Esparta. No entanto, para que um espartano pudesse ser reconhecido como *esparciata*, o mesmo deveria ter perpassado por um processo de formação educacional comum (*paidéia*), ser filho de pai e mãe espartano, ter alcançado os trinta anos de idade, servir no exército como *hoplita*, ingressar em uma das mesas de repasto coletivo (*sisstía*) e ter recursos suficientes para arcar com as despesas dessas refeições, além do dever de gerar filhos para a sua *pólis*. Caso um desses critérios não fosse cumprido o *esparciata* poderia perder a sua cidadania.

se faz presente em diversos níveis do nosso conhecimento, sejam eles acadêmicos ou não.

Através do contato com as fontes primárias percebemos que inúmeros indícios foram omitidos no processo de construção do conhecimento histórico sobre a *pólis* de Esparta. Com isso, o contato com os vestígios do passado é imprescindível para um trabalho historiográfico adequado, haja vista a possibilidade de minimizarmos generalismos e apresentarmos uma proposta alternativa para o estudo da sociedade espartana. Assim, nos indagamos através do discurso das fontes primárias: a belicosidade e a *violência física*⁴ dos reis espartanos e dos *esparciatas* eram os únicos mecanismos que os mesmos dispunham para manter a coesão social na Lacedemônia?

Para que possamos corresponder à proposta deste artigo acerca da *violência simbólica* dos *esparciatas*, temos que priorizar a análise das relações de poder que se desenvolveram no interior da região⁵ dos

⁴ A *violência física* poderia ser estendida a diversos tipos de *práticas*, as quais pressupõem a intervenção física direta de um sujeito sobre outro – ou de um grupo sobre outro – por meio da coerção, no intuito de se impor obediência, ordens e valores.

⁵ Através dos estudos de Rogério Haesbart e Marcos Aurélio Saquet, podemos afirmar que a região seria um espaço físico-geográfico de amplas proporções sendo politicamente delimitado em conformidade com os interesses dos grupos sociais que residem em seu interior. HAESBAERT, Rogério. *Identidades Territoriais*. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.p.179; SAQUET, Marcos Aurélio. *Os Tempos e os Territórios*

lacedemônios. Assim pontuamos que foi nesta região que os *esparciatas* e os seus reis desempenharam a sua autoridade política, militar, econômica e cultural sobre os grupos sociais dos *periecos* e dos *hilotas*⁶.

Convergindo com os estudos de Graham Shipley este ressaltou que o termo “Lacedemônia” foi empregado na Antiguidade, com ênfase ao Período Clássico, para designar a *pólis* de Esparta⁷. Ampliando as considerações de Shipley, o pesquisador Jean Ducat afirmou que, na passagem do século V para o IV a.C., tornou-se comum entre os pensadores atribuírem a denominação Lacedemônia como um sinônimo de Esparta. Para Ducat, isto teria ocorrido em virtude da influência que os *esparciatas* e os seus reis (*basileus*) exerceram na região Centro-Sul do

Peloponeso⁸. Mediante os apontamentos de Shipley e Ducat, verificamos que Esparta foi o centro de *poder político* da Lacedemônia. Com isso, entre os autores do Período Clássico tornou-se habitual se referir a Esparta pela designação de Lacedemônia, haja vista a supremacia política e militar desta *pólis* sobre os demais assentamentos da referida região. De qualquer maneira, ao relacionarmos as dimensões territoriais da *pólis* de Esparta com a área sobre a qual manteve a sua autoridade político-militar, notamos que as fontes primárias consideram, frequentemente, a *violência* como o principal *mecanismo* para que o *poder* dos *esparciatas* e dos seus reis fosse mantido. Todavia, devemos destacar que divergimos da perspectiva tradicional da historiografia, tal como iremos apresentar no decorrer deste trabalho.

Como nos expôs Edmond Lévy, a partir do século VI a.C., os *esparciatas* propagaram a sua influência política, cultural e militar ao longo de 8500 km² (aproximadamente), o equivalente a três vezes o tamanho de Atenas. Nos dizeres de Lévy, o tamanho que a Lacedemônia conseguiu adquirir foi o resultado de feitos (político-militares) excepcionais⁹. Podemos afirmar

da *Colonização Italiana*. Porto Alegre: EST Edições, 2003.p.10.

⁶ No Período Clássico da Hélade, outros grupos sociais foram desenvolvidos na Lacedemônia, sobretudo, devido aos acontecimentos de cunho político-sociais que ocorreram neste contexto histórico. No entanto, tendo em vista o nosso objetivo neste texto iremos nos limitar a apenas citá-los. Seguindo a designação do pesquisador Nikos Birgalias, esses outros segmentos seriam: os *hypomeiones* (possivelmente, espartanos que perderam seus direitos políticos por questões econômicas), *tresantes* (homens de Esparta que perderam a sua cidadania por fugirem do campo de batalha), os *mothakes* (escravos que auxiliavam os jovens espartanos no decorrer de seu processo de formação), os *trophimoi* (estrangeiros que passavam pelo processo de formação espartano) e os *neodamodes* (*hilotas* que adquiriam a liberdade por serviços militares prestados a Esparta). BIRGALIAS, Nikos. Helotage and Spartan Social Organization. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (Eds.). *Sparta: Beyond the Mirage*. Swansea: The Classical Press of Wales; Duckworth, 2002. p. 253-254.

⁷ SHIPLEY, Graham. Lakedaimon. In: HANSEN, Mogens Herman; NIELSEN, Thomas Heine. *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004.p.569.

⁸ DUCAT, Jean. The Ghost of the Lakedaimonian State. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (Ed.). *Sparta: The Body Politic*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2010.p.187-192.

⁹ LÉVY, Edmond. *Sparte – Histoire Politique et sociale jusqu'à La conquête romaine*. França: Éditions Du Seuil, 2003.p.11.

que os apontamentos de Lévy se relacionam, diretamente, ao “processo de dominação da Messênia”, o qual Esparta teria iniciado no século VII a.C.. Nos indícios textuais de Tirteu, podemos observar que teria sido no reinado do *basileu* Teopompo que os *esparciatas* direcionaram as suas atenções para a Messênia, haja vista a fertilidade e a amplitude desta região (TIRTEU, *Frag.5W*, 1-5). Dialogando com Hans Van Wees, este comentou que embora Teopompo tenha combatido parte dos messênios no século VII a.C., a conquista e a influência político-cultural de Esparta sobre toda a região da Messênia¹⁰, teria ocorrido apenas no final do século VI a.C.¹¹. O historiador Scott Rusch corrobora com Van Wees, ao ressaltar que no período de Teopompo, duas gerações antes de Tirteu, a organização social de Esparta não teria permitido que a mesma conquistasse toda a região da Messênia, haja vista a sua área de extensão. Sendo assim, a princípio, os *esparciatas* teriam conseguido estabelecer a sua autoridade apenas no assentamento de Messene, localizado próximo ao Monte Itome, no vale do rio Pamisos¹². Interagindo

as considerações apresentadas por Edmond Lévy, notamos que este especialista caracterizou as dimensões geográficas da Lacedemônia no final do século VI a.C., tendo em vista a anexação da Messênia e a ampliação da área de influência espartana.

Retomando os estudos de Edmond Lévy, este nos informou que a região da Lacedemônia, antes de se vincular a Messênia¹³, seria delimitada a Oeste pelo monte Taigeto – o qual se estende por 110 km da Arcádia ao cabo Tênaros e se eleva, em sua parte central, em até 2047 metros – e a leste pelo monte Parnon que, por ser menos abrupto culmina em 1095 metros, se orientando do Noroeste ao Sudeste possibilitando que da planície ao seu sopé haja uma expansão ao sul, em forma de triângulo. Este seria o vale do rio Eurotas que em seu centro forma a planície de Esparta e ao sul a planície de Helos, ambas de notável fertilidade¹⁴. O helenista Nigel Kennell expôs que a *pólis* de Esparta seria um vale de aproximadamente 12 km de largura por 22 km de extensão, as margens do rio Eurotas¹⁵.

¹⁰ Podemos sugerir, mediante o *discurso* de Tirteu, que os *esparciatas* liderados pelo *basileu* Teopompo tenham dominado somente os assentamentos próximos ao monte Itome.

¹¹ VAN WEES, Hans. *Conquerors and Serfs: wars of conquest and forced labour in archaic Greece*. In: LURAGHI, Nino; ALCOCK, Susan (Ed.). *Helots and Their Masters in Laconia and Messenia – Histories, Ideologies, Structures*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.p.34-35.

¹² RUSCH, Scott M. *Sparta at War: Strategy, Tactics, and Campaigns, 550-362 BC*. London: Frontline Books, 2011.p.03-08.

¹³ Nas palavras de Edmond Lévy, a Messênia estaria situada a oeste do Taigeto e, diferentemente da Lacedemônia, não detinha uma conformação geográfica homogênea. Como nos informou Lévy, o vale do Pamisos unia a planície de Stenyklaros – ao norte – com a planície costeira de Macaria – ao sul. Todavia, o vale do rio Pamisos se dividia em uma série de pequenas planícies costeiras, do golfo da Messênia ao mar da Sicília, por meio de um maciço complexo montanhoso. LÉVY, Edmond. *Sparte – Histoire Politique et sociale jusqu'à La conquête romaine*. França: Éditions Du Seuil, 2003.p.12.

¹⁴ *Ibidem*, p.11.

¹⁵ KENNELL, Nigel. *Spartans – A new history*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.p.06

Entretanto, ainda que a extensão de Esparta fosse diminuta se comparada à totalidade da Lacedemônia, a *pólis* espartana acabou se tornando o centro de *poder político* da referida região. Desse modo, apenas pelas informações geográficas da Lacedemônia¹⁶ podemos verificar que a mesma detinha uma pluralidade de assentamentos humanos, dentre os quais a hegemonia política residia em Esparta¹⁷.

A fonte literária de Heródoto nos permite endossar tais apontamentos, sobre a diversidade de territórios na Lacedemônia. Em suas “*Histórias*”, Heródoto de Halicarnassos pontuou que o número de *pólis* lacedemônias era grande, porém, a que mais se destacava era Esparta. Neste mesmo trecho, o autor de Halicarnassos expôs que os habitantes da Lacedemônia eram identificados como lacedemônios, no entanto, os *esparciatas* eram aqueles dotados de maior qualidade moral (HERÓDOTO, *Histórias*, VII, 234.2). A *representação*¹⁸ que Heródoto construiu em seu *discurso*¹⁹ caracterizou a

relevância político-cultural que os *esparciatas* detinham na Lacedemônia, em relação a outros segmentos sociais e assentamentos humanos que ali existiam. Sendo assim podemos nos questionar sobre a maneira pela qual os *esparciatas* e os seus governantes foram capazes de se manter como os homens de maior autoridade política sobre áreas político-geográficas tão amplas. Assim reiteramos que a preponderância dos *esparciatas* e dos seus *basileus* sobre os demais grupos sociais lacedemônios ocorreu em perspectivas multifacetadas, sobretudo por meio da *violência simbólica*.

Embora não haja um consenso entre os indícios da Antiguidade, podemos destacar que o contingente de *esparciatas*, somando-se os dois reis, foi substancialmente inferior ao quantitativo de *hilotas* e *periecos*. Tucídides, em sua “*Historia das Guerras do Peloponeso*”, afirmou que os *hilotas* eram uma constante ameaça ao *poder político* dos *esparciatas* na Lacedemônia. Segundo, Tucídides, os *esparciatas* seriam levados a tomarem precauções periódicas frente aos *hilotas* (TUCÍDIDES, *História das Guerras do Peloponeso*, IV, 80.3). Tal perspectiva foi ratificada por Aristóteles, ao comentar que os *hilotas* constantemente ameaçavam os seus “senhores” na tentativa de conseguirem uma condição de vida semelhante à destes (ARISTÓTELES, *Política*, II, 1269b). Em

¹⁶ No contexto do Período Clássico, a Lacedemônia seria toda a área sobre a influência político-militar de Esparta, o que integraria a Messênia e a região entre os montes Parnon e Taigeto.

¹⁷ Ver mapas em anexo ao final do texto.

¹⁸ A *representação* foi definida por Pierre Bourdieu, como uma imagem construída sobre um sujeito, um grupo e/ou um objeto, cuja finalidade seria interpretar e difundir *práticas* em um meio social. BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.46.

¹⁹ Nos dizeres do sociólogo Pierre Bourdieu, o *discurso* seria o lugar no qual se desenvolvem as relações interpessoais, por meio do ato de fala, no intuito de transmitir valores, *modos de pensamento* e *práticas*, no interior de uma sociedade. Desse modo, o *discurso*

poderia ser compreendido como um *mecanismo* político voltado para a difusão de ideias e *representações*. Ibidem, p.94.

suas “*Leis*”, Platão pontuou que os jovens *esparciatas* que estavam prestes a concluir a sua formação perpassavam pela *Criptéia* (PLATÃO, *Leis*, I, 633b). Complementando os dizeres de Platão, o *discurso* tardio de Plutarco expôs que durante a *Criptéia* os jovens de melhor reputação eram enviados aos campos com um punhal e o mínimo de víveres, e ao cair da noite desciam as estradas e matavam o máximo de *hilotas* que pudessem (PLUTARCO, *Vida de Licurgo*, 28.2). Com isso, verificamos que parte dos *discursos* clássicos representaram as relações dos *esparciatas* com os *hilotas*, por meio da *violência física*.

Seguindo pelo viés abordado acima, verificamos que o *discurso* de Isócrates, também representou as interações de *esparciatas* e *periecos* pela perspectiva do conflito e da coerção. Em seu “*Panatenáico*”, Isócrates declarou que no contexto do “retorno dos heráclidas” ao Peloponeso, que teria ocorrido concomitantemente a “chegada dos dórios”, os *periecos* teriam sido os habitantes da Lacedemônia submetidos pelos descendentes de Hércules (ISÓCRATES, *Panatenáico*, 177-178). Imersos nessa via, os *periecos* teriam sido submetidos pelos *esparciatas* e os seus *basileus* através do uso da *violência física*. Logo, por meio da coerção física os reis espartanos e os *esparciatas* puderam ratificar a sua proeminência política na Lacedemônia, submetendo os *periecos* a condição de *demos*. Corroborando com

Isócrates podemos citar o *discurso* de Plutarco, ao enfatizar que o rei Euriponte teria diminuído o rigor político para com o *demos* da Lacedemônia, de tal maneira que pudesse angariar o seu apoio (PLUTARCO, *Vida de Licurgo*, 2.2). Desse modo, verificamos em alguns fragmentos da literatura clássica, que a relação dos *esparciatas* e os seus governantes frente aos *periecos* e os *hilotas* teria seguido um viés de imposição, vinculado à *violência física*. Contudo, se os *basileus* e *esparciatas* tivessem se utilizado exclusivamente da força para controlarem grupos sociais tão amplos, como que estes não se mobilizaram e se opuseram a autoridade política de Esparta?

Mediante as especificidades das relações entre os segmentos sociais da Lacedemônia, lançamos mão do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu. Seguindo a perspectiva de Bourdieu este nos chamou a atenção para o fato das interações sociais serem os elementos que condicionam e legitimam as relações político-culturais entre os segmentos que habitam um território. Para Pierre Bourdieu, as interações sociais influenciam na maneira como os sujeitos irão *representar* socialmente a si mesmos e aos outros²⁰. Logo, as *representações* seriam o resultado do contato político-cultural entre grupos sociais distintos, as quais objetivam por ratificar valores e condutas por meio do contraponto entre os sujeitos.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. The Aristocracy of Culture. In: *Media, Culture and Society*, Vol. 02, [p.225-254], 1980.p.226.

Dialogando com Pierre Bourdieu, e adaptando as suas considerações para os estudos em Antiguidade, verificamos que as *representações* elaboradas por parte das fontes primárias pretendiam corresponder a interesses específicos dos autores que as produziram. Com isso, se levarmos em consideração o *lugar de fala* e a matriz cultural ateniense de Tucídides, Platão, Isócrates e Aristóteles²¹, podemos notar que os mesmos teriam *representado* as interações políticas da Lacedemônia de uma maneira *disforizada*²², assim visando exaltar a sociedade ateniense. Levando-se em consideração o contexto das Guerras do Peloponeso, e as transformações que a Hélade perpassou ao longo dos anos de conflito, caracterizar os *esparciatas* e os seus *basileus* como temerosos de seus “subordinados” seria expor as suas possíveis fraquezas políticas, sociais, econômicas e militares. Em certa medida, observamos que a maneira como as relações político-sociais dos segmentos da

Lacedemônia foram *representadas* entre autores atenienses pretendia apresentar os excessos de Esparta, frente a uma Atenas que ansiava pela retomada de sua influência econômica sobre o Egeu, que foi perdida após as Guerras do Peloponeso.

Interagindo com o questionamento lançado anteriormente, defendemos que a *violência física* foi empregada pelos *esparciatas* e os seus governantes junto aos *periecos* e *hilotas*, em momentos históricos específicos. Desse modo, os segmentos hegemônicos da Lacedemônia teriam se valido da força, no intuito de fomentarem a sua autoridade frente a pequenos contingentes populacionais revoltosos, para que estes servissem de exemplo e comportamentos semelhantes fossem evitados. Contudo, em nossa análise histórica indicamos que em circunstâncias cotidianas, os *esparciatas* e os seus reis se utilizavam de um conjunto de *práticas político-culturais* que pretendiam ratificar os seus *poderes políticos* e *simbólicos* por meio da *violência simbólica* direcionada aos demais lacedemônios.

Como definiu o sociólogo Pierre Bourdieu, o *poder simbólico* seria um “poder invisível” que, por meio dos símbolos e *práticas*, possibilita a um grupo de sujeitos exercer a sua autoridade como “natural” e “necessária”²³. Por sua vez, o *poder*

²¹ Embora também tenhamos citado Plutarco, devemos pontuar que o mesmo teria seguido uma tradição literária a qual se fundamentou, em certa medida, nos escritos do período Clássico, fazendo com que o autor – por vezes – se utilizasse do *discurso* político dos autores atenienses oriundos dos séculos V e IV a.C.. Do mesmo modo, embora Aristóteles tenha sido inserido no *discurso* ateniense, o mesmo provinha da Macedônia, e o fato de ter sido educado em Atenas e por Esparta ter se manifestado contra o projeto expansionista de Filipe II, o mesmo *disforizou* as instituições político-sociais espartanas.

²² Segundo Algirdas Greimas e Joseph Courtés o ato de disforizar reside na valorização de um micro-universo semântico, cujo propósito seria desqualificar *práticas políticas, culturais* e *sociais* de um dado grupo de sujeitos. GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1987.p.130.

²³ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.p.07-10.

simbólico se utiliza de meios para garantir a sua efetividade não se restringindo a coerção física, embora esta não deva ser negada. Com isso, podemos afirmar que um segmento social hegemônico ao se utilizar do *poder simbólico* condiciona o emprego da *força simbólica*, a qual legitima a sua autoridade político-cultural a partir da *violência simbólica* que é inculcada nos demais grupos de um território²⁴. Nos dizeres de Bourdieu, a *força simbólica* seria uma forma de poder que se exerce diretamente sobre os sujeitos, sem o apelo a coação física²⁵.

Por ser o “mundo físico” simbolicamente estruturado, as *práticas político-culturais* acabam submetendo os sujeitos a *força simbólica* do *habitus* hegemônico de um território. Dessa maneira, os grupos marginalizados ao se encontrarem sob a influência de uma *força simbólica* acabam reproduzindo elementos do *habitus* hegemônico, o que contribui para a sua própria “dominação”. Esse controle estabelecido pelo *poder simbólico* e garantido pela *força simbólica* pode ser identificado como a *violência simbólica*²⁶. Logo, a *violência simbólica* estaria além da consciência dos sujeitos e se manifestaria através de sugestões, injunções, seduções, ameaças, censuras e ordens. Ainda que a

violência simbólica não se fundamente no uso da força física, o seu “método de coerção” se instaura nas *práticas* das pessoas tornando inevitável a sua reprodução, a ampliação da *força simbólica* e o acúmulo de *poder simbólico* pelos segmentos sociais dirigentes de um território²⁷. Seguindo esse viés, podemos aplicá-lo a sociedade de Esparta e as interações políticas, sociais, culturais e econômicas que esta mantinha com os demais habitantes da Lacedemônia. Desta maneira, podemos supor que os *esparciatas* e os seus *basileus* ao se utilizarem de um conjunto de *práticas político-culturais*, puderam ampliar e preservar o seu *poder simbólico* entre os lacedemônios. Sendo assim, o *poder simbólico* dos governantes garantiu o uso da *força simbólica*, que ao ser empregada promovia a *violência simbólica* junto a *periecos* e *hilotas*, legitimando o *habitus* hegemônico de Esparta na Lacedemônia e assim minimizando o uso da *violência física*.

Para materializarmos os nossos apontamentos, façamos uma análise sobre os segmentos sociais lacedemônios. No que concerne ao *poder simbólico* dos *esparciatas* e dos seus governantes podemos tomar o *discurso mítico* como um dos principais *mecanismos* voltados para a legitimação do *habitus* hegemônico desses homens, diante de *periecos* e *hilotas*. Embora os *basileus* e os *esparciatas* tenham sido identificados como os segmentos dirigentes da Lacedemônia, os

²⁴ BOURDIEU, Pierre. *Masculine Domination*. Trans.: Richard Nice. California: Stanford University Press, 2001.p.38.

²⁵ Ibidem, p.38-39.

²⁶ Ibidem, p.38-41.

²⁷ Idem.

mesmos não foram *representados* como provenientes de uma matriz cultural semelhante. Tal como verificamos nos indícios textuais do geógrafo Pausânias, os reis de Esparta foram *representados* como descendentes – direta ou indiretamente – dos primeiros governantes da região da Lacedemônia. Do mesmo modo, os mesmos associavam a sua autoridade política, militar e religiosa com os “laços de parentesco” que teriam com o herói Hércules, filho de Zeus e Alcmena (PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, III, 1.5-6). Com isso, os *basileus* e *esparciatas* asseguravam as suas prerrogativas políticas, sociais, militares e culturais através do vínculo que garantiam manter com elementos do sagrado, e com os governantes autóctones da Lacedemônia.

Como nos sugeriu Scott Rusch, ainda que Hércules tenha sido uma divindade oriunda da região da Argólida, o *discurso mítico* de parte dos pensadores antigos associaram as dinastias da Lacedemônia com os descendentes de Hércules, os quais teriam retornado ao “território ancestral” depois de longos anos de exílio²⁸. Convergindo o indício de três fontes primárias podemos observar que os pensadores antigos, ao tomarem como referencial uma possível *memória coletiva* que se associava a tradição oral, *representaram* que a autoridade de Hércules sobre a Lacedemônia foi alcançada

por meio da guerra²⁹ (PSEUDO-APOLODORO. *Biblioteca*, II, 7.3; DIODORO, *Biblioteca de História*, IV, 33.5-6; PAUSÂNIAS, III, 1.5). Em um primeiro momento, observamos que o *discurso mítico* da Antiguidade considerou a autoridade dos reis espartanos sobre a Lacedemônia, pela descendência que mantinham com Hércules. Com isso, podemos afirmar que os pressupostos vinculados ao sagrado foram *mecanismos* empregados pelas famílias *aristocráticas* do Mundo Antigo para ratificarem o seu *poder político* frente a outros grupos sociais. Deste modo, podemos identificar que o *discurso mítico* atrelou os *basileus* lacedemônios com os “descendentes de Hércules”, sendo este um *discurso político* construído para assegurar a manutenção do *poder político* e *simbólico* de ambas as dinastias sobre os demais grupos da Lacedemônia.

Por sua vez, os *esparciatas* também foram detentores da proeminência político-cultural da Lacedemônia, ainda que não detivessem a matriz cultural heráclida.

²⁹ Nos dizeres de Diodoro da Sicília, os filhos de Hipoconte teriam assassinado o jovem Eono, amigo de Hércules. Com isso, Hércules reuniu um contingente de guerreiros e partiu para Esparta, no intuito de guerrear com Hipoconte. Por fim, Hipoconte foi morto com seus filhos, e Hércules se tornou o detentor da soberania espartana devido a legítima vitória militar (DIODORO, *Biblioteca de História*, IV, 33.5). O *discurso* tardio de Diodoro teria tentado por ratificar a proeminência dos heráclidas sobre a Lacedemônia, ao enfatizar que Hércules solicitou a Tíndaro que reinasse em Esparta até que os seus descendentes viessem clamar o trono. Logo, a linhagem de Tíndaro foi *representada* como guardião da autoridade de Hércules sobre os lacedemônios.

²⁸ RUSCH, Scott M. *Sparta at War: Strategy, Tactics, and Campaigns, 550-362 BC*. London: Frontline Books, 2011.p.03.

Interagindo com o *discurso* de Heródoto, este enfatizou que na região da Lacedemônia os heráclidas eram *basileus* dos dórios (HERÓDOTO, VI, 53.1). Os indícios de Heródoto nos permitem afirmar que no contexto lacedemônio os dórios seriam ancestrais dos *esparciatas*. Como nos esclareceu o Prof. Irad Malkin, os heráclidas foram considerados fundadores de assentamentos dórios já no século VII a.C., porém, a ideia de um “retorno dos descendentes de Hércules” foi exclusiva do Peloponeso³⁰. A partir das interpretações de Tirteu elaboradas pelo pesquisador Rafael Brunhara, verificamos que no período Arcaico a ideia de uma relação política entre dórios e heráclidas já era partilhada no *modo de pensamento*³¹ de alguns grupos sociais. Como declarou Tirteu:

“Pois o Crônida em pessoa, esposo da coroada Hera (*Ἥρα*)

Zeus, o deus aos heráclidas a *pólis*

Junto deles [dórios], deixando o Eríneo batida pelos ventos

³⁰ MALKIN, Irad. *Myth and Territory in the Spartan Mediterranean*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p.35-38.

³¹ O conceito de *modo de pensamento* pode ser definido como um conjunto de ideias e crenças partilhadas por um grupo social, no interior de um *território*. Entretanto, devemos nos atentar que esta conceituação é fluída, sendo passível de adaptação de acordo com o contexto histórico e social. BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. pp. 90-91.

À vasta ilha de Pélopos chegamos”³²

Novamente podemos observar que a proeminência dos *basileus* e dos *esparciatas* na Lacedemônia foi compreendida como legítima em decorrência da utilização da esfera do sagrado como forma de sustentação do *poder político*. No Período Clássico, o ateniense Xenofonte ratificou parte deste *discurso* ao pontuar que em Esparta “o *basileu* deveria executar todos os sacrifícios públicos em nome da *pólis* devido a sua descendência divina” (XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 15.2). Do mesmo modo, podemos sugerir que a *identidade étnica*³³ fomentada por estes grupos hegemônicos na Lacedemônia seria um elemento associado ao *poder simbólico* destes homens, os quais legitimavam os seus respectivos *poderes políticos*. Não seria equivocado afirmarmos que o *discurso mítico* do “retorno dos heráclidas”, acompanhado dos dórios, tenha sido difundido na Lacedemônia, como um meio de sancionar a autoridade política de um grupo social sobre outro. Com isso, os embates descritos pelo

³² Esta interpretação se encontra na publicação do Prof. Brunhara intitulada “O fragmento 2W de Tirteu e a poética da *Eunomia*”. BRUNHARA, Rafael. O Fragmento 2W de Tirteu e a poética da *Eunomia*. *Classica* (Brasil), 24. 1/2, 2011. p.148.

³³ A *identidade étnica* seria uma *representação* calcada em pressupostos políticos-culturais, cujo objetivo seria configurar os espaços geográficos com base no interesse do grupo social hegemônico, e no princípio de diferenciação étnica que este estabelece para com os demais. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.p.112-115.

discurso mítico poderiam *representar* um momento histórico no qual ocorreu a transição de *poder político* de uma dinastia para outra, cuja associação dos vencedores com uma divindade ou herói legitimaria a proeminência de uma nova autoridade sobre a Lacedemônia. Desta maneira, o *discurso mítico* dos *basileus* e dos *esparciatas* ao ser difundido entre os lacedemônios teria objetivado por “naturalizar” o seu *poder político*, oriundo da conquista militar. Logo, o *discurso mítico* seria um *poder simbólico* destinado à ampliação e a sanção do *poder político* de um contingente de sujeitos.

Outro aspecto que podemos apontar sobre o *poder simbólico* oriundo da *identidade étnica* dos *esparciatas* seria o reconhecimento dos mesmos como “semelhantes” (*homoioi*). Através das *representações* de Xenofonte (*Constituição dos Lacedemônios*, 10.7) podemos declarar que os *esparciatas* foram homens que devido ao fato de seguirem um mesmo código de conduta e se fundamentarem em uma *tradição mítica* comum, puderam consolidar a *identidade étnica* de seu grupo social. Muito embora as *práticas culturais* dos *esparciatas* se diferenciasssem dos demais helenos, no período Clássico, a comensalidade característica das *representações* dos habitantes de Esparta foi utilizada como um ideal por parte dos segmentos *aristocráticos* da Hélade. Com isso, ao serem reconhecidos como “semelhantes”, os *esparciatas*

difundiram uma ideia de unidade sociocultural, necessária para a legitimação de seu *poder político* na Lacedemônia por meio do *poder simbólico*.

Entretanto, para que possamos compreender parte da interação entre os *esparciatas* e os seus reis como uma forma de *violência simbólica*, precisamos situar a figura dos *periecos* e *hilotas* da Lacedemônia. Enquanto os *esparciatas* e os *basileus* tentavam, segundo os indícios literários, ratificar as suas respectivas *identidades étnicas*, não temos vestígios dessa *prática* entre os *periecos*. A ideia de *periecos* deve ser considerada pelo ponto de vista dos segmentos hegemônicos da Lacedemônia, os quais acabaram por homogeneizar um grupo tão amplo e diverso. Dialogando com as análises de Stephen Hodkinson, os *periecos*, os *esparciatas* e os reis espartanos eram compreendidos como lacedemônios, embora o primeiro estivesse inserido em uma condição de relativa inferioridade³⁴. O helenista Jonathan Hall sugeriu que a *identidade étnica* em torno de Lacedemón – herói mítico e fundador da Lacedemônia – tenha sido cunhada pelos *esparciatas* e *basileus* sendo posteriormente estendida aos *periecos* como um benefício por serviços prestados³⁵. Em

³⁴ HODKINSON, Stephen. Was Sparta an Exceptional Polis? In: _____ (Ed.). *Sparta – Comparative Approaches*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009. p.423.

³⁵ HALL, Jonathan M. Sparta, Lakedaimon and the Nature of Perioikic Dependency. In: FLENSTED-

linhas gerais, não existe um consenso acerca da maneira como a categoria dos *periecos* acabou emergindo na Lacedemônia, bem como sobre a motivação destes sujeitos em se manterem leais aos *esparciatas* e aos seus *basileus*.

O geógrafo Estrabão, ao citar um fragmento do “historiador” Éforo de Cime, se fundamentou no “retorno dos heráclidas” para o Peloponeso, como um *mecanismo* para explicar a organização social da Lacedemônia. Estrabão comentou que após os heráclidas se estabelecerem no *poder político* lacedemônio, os mesmos expulsaram os aqueus (nativos da região) para a Jônia, e solicitaram que estrangeiros povoassem a região da Lacedemônia, tendo como privilégio a igualdade de direitos políticos. Tais sujeitos eram identificados como *periecos*³⁶, pois passaram a viver nos arredores do centro de poder da Lacedemônia, ou seja, Esparta. Nas palavras de Estrabão, no reinado de Agis I, os *periecos* perderam a sua igualdade político-social junto aos *esparciatas* e se tornaram tributários dos mesmos e de seus *basileus* (ESTRABÃO, *Geografia*, VIII, 5.4). O *discurso* de Estrabão nos permite endossar a perspectiva levantada por Jonathan Hall, na qual os *periecos* teriam

recebido parte da sua *identidade étnica* pela associação direta e a lealdade que mantiveram com os *esparciatas*.

Contudo, como nos informou Nigel Kennell, no período Clássico não haveria uma distinção cultural e linguística entre *periecos*, *esparciatas* e *basileus*³⁷. Tal comentário nos permite afirmar que devido à constante interação e preponderância cultural que os segmentos dirigentes exerciam sobre os *periecos*, os mesmos acabaram interiorizando a cultura dos *esparciatas* e dos *basileus*, podendo ser esse um caso de *violência simbólica*.

Sendo assim, o fato dos *periecos* terem sido submetidos por um longo período de tempo acarretou na sobreposição de sua matriz cultural em benefício do *habitus* dos *esparciatas*. Por sua vez, devemos nos atentar que, para os *periecos*, poderia ter sido vantajoso aderir aos valores dos grupos hegemônicos da Lacedemônia. Afinal, ao se identificarem como lacedemônios, os *periecos* criavam laços de reciprocidade para com os demais grupos que se arrogavam como “herdeiros de Lacedemón”, o que poderia garantir-lhes proteção a inimigos externos. Do mesmo modo, a liberdade que os *periecos* detinham em seus territórios lhes garantia a possibilidade de desenvolverem diversos tipos de atividade econômica. Por sua vez, a *pólis* de Esparta seria um mercado consumidor

JENSEN, Pernille (Ed.). *Further Studies in the Ancient Greek Polis*. Stuttgart: F. Steiner, 2000. p.87.

³⁶ O termo *perieco* seria uma junção do prefixo *peri* (“ao redor de”) e *oikos* (“casa, habitação, propriedade”), ou seja, eles seriam aqueles sujeitos que habitavam as redondezas do centro de poder político da Lacedemônia.

³⁷ KENNEL, Nigel. *Spartans – A new history*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p.89.

intenso para as *práticas econômicas* dos *periecos*.

Convergindo os estudos de Júlian Gallego e Graham Shipley notamos que os *periecos* desenvolviam as suas atividades econômicas de acordo com a localização de seus assentamentos. Dessa maneira, os mesmos poderiam efetuar a agricultura, a pesca, a produção de artesanatos e o comércio com estrangeiros³⁸. Interagindo com Nigel Kennell, teria ficado a cargo dos ferreiros *periecos* à demanda de armamentos dos guerreiros *esparciatas*³⁹. Tal perspectiva pode ser endossada pelo *discurso* de Xenofonte, o qual afirmou que os *esparciatas* não deveriam efetuar qualquer tipo de atividade manual, pois estas não eram dignas de homens livres (XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 7.2). Embora os *periecos* tenham passado por um processo de *violência simbólica*, ao aderirem o *habitus* dos *esparciatas*, os mesmos teriam conseguido vantagens político-econômicas na Lacedemônia através de sua parcial submissão.

Não podemos deixar de citar que mesmo em uma condição política inferior se

comparada aos *esparciatas*, os *periecos* obtinham alguns privilégios. Como no caso de Deiníadas que mesmo sendo *perieco* foi comandante de uma das frotas marítimas dos peloponésios, durante as Guerras do Peloponeso (TUCÍDIDES, VII, 22.1). Também podemos sugerir que devido à liberdade que os *periecos* detinham em seus assentamentos, os mesmos poderiam comprar escravos, o que denotaria uma possível diferença econômica entre os mesmos. Nesse contexto, devemos relembrar que os *periecos* deveriam contribuir com um contingente de guerreiros, no intuito de integrarem os exércitos lacedemônios sob a tutela de um dos *basileus*⁴⁰. No entanto, como os custos de um armamento hoplita eram altos, somente os *periecos* de recursos teriam acesso aos mesmos⁴¹. Dialogando com Graham Shipley, o fato dos *periecos* terem sido utilizados pelos *esparciatas* em seus exércitos, tornava necessário que os mesmos tivessem o mínimo de treinamento para que pudessem entender as ordens dos reis lacedemônios. Segundo Shipley, para que essas perspectivas fossem correspondidas às elites locais dos assentamentos *periecos* deveriam estar completamente imersas nos valores culturais de Esparta, cujo conhecimento das *práticas culturais e militares* dos grupos hegemônicos

³⁸ GALLEGO, Júlian. *Campesinos en la ciudad – basis agrárias de la pólis griega y la infantería hoplita*. Buenos Aires: Del Signo, 2005. p.59; SHIPLEY, Graham. *Lakedaimon*. In: HANSEN, Mogens Herman; NIELSEN, Thomas Heine. *An Inventory of Archaic and Classical Poleis – an investigation conducted by the Copenhagen Polis Centre for Danish National Research Foundation*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p.182.

³⁹ KENNEL, Nigel. *Spartans – A new history*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p.89.

⁴⁰ ASSUMPTÃO, Luis Filipe Bantim de. As Relações de Poder na *pólis* de Esparta através dos escritos do período Clássico. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; BIRRO, Renan Marques. *Relações de Poder: da Antiguidade ao Medievo*. Vitória: DLL/UFES, 2013.p.98-99.

⁴¹ Ibidem, p.96.

lhes garantiria uma relativa proeminência em suas comunidades⁴². Desse modo, verificamos que os *esparciatas* e os seus *basileus* teriam inculcido o seu *habitus* junto às *práticas culturais* dos *periecos*, como um *mecanismo* para ampliar o seu *poder político* na Lacedemônia. Contudo, observamos que para as elites *periecas* seria vantajoso aderir aos valores e *práticas* dos segmentos hegemônicos, pois isso lhes garantiria uma ampla proeminência local, assim como privilégios junto ao centro de *poder político* que era Esparta.

Por fim, temos a categoria dos *hilotas* e a maneira como os seus membros se relacionavam com a *pólis* de Esparta. A condição dos *hilotas* seria ainda mais controversa que a dos *periecos*, tendo em vista que foram submetidos em condições distintas. Ao nos remetermos a Tirteu, teríamos a tentativa de submeter parte dos habitantes da região da Messênia, na “Segunda Guerra da Messênia” (TIRTEU, *Frag.5W*). Ao comentar sobre as medidas do rei Teopompo, duas gerações anteriores ao seu período, Tirteu estaria apresentando aos seus contemporâneos as possíveis motivações para combater “messênios revoltosos”, no século VII a.C.. Sugerimos que os messênios do *discurso* de Tirteu foram *representados* como descendentes dos homens submetidos por Teopompo. Seguindo por essa

perspectiva, o uso da guerra, ou até mesmo da *violência física*, teria sido a primeira medida para subordinar um grupo de sujeitos e torná-los tributários da *pólis* espartana. Logo, o *discurso* de Tirteu estaria estabelecendo que a conquista militar tornava legítima a autoridade dos *basileus* e dos *esparciatas* sobre parte da região da Messênia, bem como o ato de rechaçar os revoltosos messênios.

O trecho de Tirteu nos permite conjecturar que os habitantes de Esparta conquistaram uma parte da região da Messênia por uma questão de necessidades de terras para plantio, o que nos infere sobre um possível aumento populacional na Lacedemônia. Entretanto, qual seria a matriz dos *hilotas* da região entre o Parnon e o Taigeto? Mais uma vez, Estrabão nos auxiliou, pois o mesmo declarou que o *basileu* Agis I ao submeter os assentamentos ao redor de Esparta acabou escravizando os habitantes da planície de Helos, pois estes teriam se revoltado (ESTRABÃO, VIII, 5.4). Mediante os indícios literários da Antiguidade, notamos que os *hilotas* foram oriundos de um processo gradativo de submissão que ocorreu a partir do Período Arcaico. Contudo, o *discurso* dos pensadores antigos nos permite afirmar que não havia uma *identidade étnica* entre os *hilotas*, aspecto este que teria inviabilizado um levante sistematizado contra a autoridade dos *basileus* e dos *esparciatas* na Lacedemônia.

⁴² SHIPLEY, Graham. Perioecic Society. In: WHITBY, Michael. *Sparta*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.p.187.

No período que sucedeu a vitória sobre os persas (após as Guerras Greco-pérsicas), Tucídides nos forneceu indícios de que no século V a.C., um terremoto ocasionou grande pânico em Esparta. Devido ao ocorrido um grupo de *hilotas* e *periecos* se revoltou contra os *esparciatas*. Nas palavras de Tucídides, esses *hilotas* seriam descendentes dos antigos messênios que foram escravizados entre a Primeira e a Segunda Guerra da Messênia (as quais teriam ocorrido entre os séculos VIII e VII a.C.) (TUCÍDIDES, I, 101.2-3). O *discurso* de Tucídides ao ser associado com a argumentação de Aristóteles (ARISTÓTELES, *Política*, II, 1269b) foram os pressupostos tomados pela historiografia tradicional para afirmarem que os *hilotas* eram uma ameaça constante a autoridade dos *esparciatas* e dos seus governantes heráclidas. Vale ressaltar que autores como Geoffrey De Ste. Croix (*The Helot Threat*, 1972), Yvon Garlan (*War and Society in the Ancient World*, 1975), Moses Finley (*Economy and Society in Ancient Greece*, 1981) e Paul Cartledge (*Spartan Reflections*, 2001) aproximaram-se da premissa exposta por Tucídides e Aristóteles acerca da relação entre *hilotas* e *esparciatas*⁴³.

⁴³ ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de. As Relações de Poder na *pólis* de Esparta através dos escritos do período Clássico. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; BIRRO, Renan Marques. *Relações de Poder: da Antiguidade ao Medievo*. Vitória: DLL/UFES, 2013. p.100-101.

Convergingo com os estudos de Thomas Figueira, este comentou que durante as Guerras do Peloponeso todo *hilota* que se revoltasse aderiria uma *identidade messênia* para combater Esparta. Dessa maneira, Figueira expôs que os *hilotas* da Messênia eram considerados escravos pelos *esparciatas*, e tratados como messênios pelos atenienses, sendo este um meio dos guerreiros de Atenas apoiarem a revolta de *hilotas* contra a sociedade espartana⁴⁴. Em linhas gerais, ao relacionarmos os escritos das fontes primárias com as análises historiográficas notamos que parte da perspectiva moderna acerca da relação entre *hilotas* e *esparciatas* foi desenvolvida a partir do *discurso* ateniense do Período Clássico. Em decorrência dos embates entre Esparta e Atenas, os autores atenienses entre os séculos V e IV a.C. provavelmente almejavam desenvolver uma *representação* pejorativa da *pólis* espartana, a qual seria incapaz de conter o seu próprio contingente de escravos.

Ao recorrermos a Heródoto, este nos forneceu indícios de uma relação “aparentemente íntegra” entre *esparciatas*, *basileus* lacedemônios e *hilotas*. A caminho do desfiladeiro das Termópilas, o *esparciata* Eurito foi deixado por Leônidas aos cuidados de um *hilota*, pois estaria incapacitado de combater devido a uma inflamação nos olhos

⁴⁴ FIGUEIRA, Thomas. The Evolution of the messenian Identity. In: HODKINSON, Stephen; POWELL, Anton. *Sparta New Perspectives*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009 [1999].p.218.

(HERÓDOTO, VII, 229.1). Do mesmo modo, Heródoto ressaltou que *hilotas* combateram junto a Leônidas e os demais helenos presentes na batalha das Termópilas (HERÓDOTO, VIII, 25.1). Ou ainda durante a batalha de Plateia, na qual cada *esparciata* liderado por Pausânias teria sete *hilotas* em sua companhia (HERÓDOTO, IX, 28.2). Por sua vez, Xenofonte nos informou que os *hilotas* poderiam ser empregados em serviços domésticos na residência dos *esparciatas* e *basileus*, tais como trabalhar a lã e cozinhar (XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 1.4). Como já havíamos pontuado, o *discurso* de Heródoto e Xenofonte nos leva a conjecturar que a interação que os reis lacedemônios e os *esparciatas* mantinham com os seus *hilotas* ocorria de maneira semelhante ao modo como os demais helenos se relacionavam com os seus escravos, sem que esses viessem a se tornar uma ameaça à organização político-social da *pólis*. Imersos nesse viés, o fato dos *hilotas* não serem detentores de uma *identidade étnica* fez com que os *esparciatas* desenvolvessem estratégias de dominação, para assim incutirem o *habitus* dos grupos hegemônicos da Lacedemônia. Tais aspectos podem ser considerados como uma forma de *violência simbólica* direcionada aos *hilotas*, que ao se submeterem ampliavam o *poder simbólico* dos *basileus* e *esparciatas*.

Devido à realidade das Guerras do Peloponeso e a constante perda de

contingentes dentre os *esparciatas*, a *pólis* de Esparta foi levada a transformar os seus valores político-militares. O fato da *pólis* espartana ter se utilizado de guerreiros *hilotas* durante as Guerras Greco-pérsicas, já demonstraria uma adaptação nos valores político-sociais desta sociedade. Retomando o *discurso* de Tucídides este nos informou que os *hilotas* que combateram junto ao comandante *esparciata* Brásidas foram libertados, sendo posteriormente instalados na fronteira da Lacedemônia com Elis, junto aos *neodamodes* (TUCÍDIDES, V, 34.1). Em outro trecho de seus escritos, Tucídides afirmou que os lacedemônios selecionaram um contingente de, aproximadamente, seiscentos homens dentre os melhores *hilotas* e *neodamodes* para combater na Sicília (TUCÍDIDES, VII, 19.3). Por sua vez, ao serem derrotados na Sicília, os atenienses não tinham a pretensão de se entregarem aos peloponésios e passaram a tomar medidas de segurança junto aos seus aliados na Eubéia. Com isso, as autoridades espartanas mandaram os *esparciatas* Alcámenes e Melantos com trezentos *neodamodes* para assumirem o comando da Eubéia (TUCÍDIDES, VIII, 5.1).

Embora tais argumentos pareçam desconexos, a categoria social dos *neodamodes* correspondia aos *hilotas* que foram libertados por serviços militares prestados a Esparta. Ainda que as informações sobre os mesmos sejam escassas,

os *neodamodes* combatiam na condição de hoplitas, o que nos permite supor que estes eram financiados por *esparciatas* de recursos. De qualquer maneira, como caracterizou Douglas Macdowell o termo *neodamodes* seria formado pela junção das palavras *-neo* (novo) e *-demos* (povo), o que inseria os *neodamodes* no grupo dos “novos membros do *demos*” da Lacedemônia. Para Macdowell o status social dos *neodamodes* seria semelhante ao dos *periecos*, ou seja, homens livres e sem direitos políticos no interior da *pólis* de Esparta⁴⁵.

Todavia, não podemos supor que um escravo liberto tenha tido o mesmo status de um homem livre, o que tornava o *neodamodes* um grupo distinto dos *periecos*. Entretanto, a postura da *pólis* de Esparta para com os *hilotas* que colaboraram com os seus interesses pode ser entendida como um típico caso de *violência simbólica*. Ao fornecer a liberdade a escravos por serviços prestados, os *esparciatas* poderiam estar difundindo uma ideia de que os *hilotas* que se comportassem e lutassem a favor de Esparta poderiam ter privilégios sociais. Sendo assim, os *hilotas* poderiam se aproximar do *habitus esparciata* como um *mecanismo* para alcançarem a sua liberdade social, no interior da Lacedemônia. Com isso, notamos que o controle sobre os *hilotas* poderia ser ampliado, culminando na legitimação e no fortalecimento do *poder*

político e *simbólico* dos *esparciatas* e *basileus* sobre a Lacedemônia.

Podemos destacar ainda outro *mecanismo* empregado pelos *esparciatas* e os seus *basileus*, no intuito de ratificarem a sua proeminência político-cultural sobre a Lacedemônia. Desse modo, citamos a *prática ritual* da *Jacíntia*, considerada pelas fontes primárias como uma das festividades religiosas de maior relevância entre os lacedemônios. Este *ritual sagrado* era realizado em honra de Apolo e do seu jovem amado Jacinto, o qual fora acidentalmente morto enquanto se exercitava com o deus⁴⁶. Heródoto nos comentou que os homens de Esparta atribuíam uma demasiada importância as determinações do sagrado, fazendo com que os mesmos postergassem o auxílio militar aos seus aliados durante as suas festividades rituais (HERÓDOTO, IX, 7.1). Nessa mesma perspectiva, Xenofonte declarou que o *basileu* Agesilau II após efetuar uma incursão em Argos retornou a Esparta para que pudesse participar da *Jacíntia*, no intuito de cantar o *peã*⁴⁷ em honra a Apolo (XENOFONTE, *Agesilau*, 2.17). A despeito das principais características da *Jacíntia*, o que nos interessa nesta ocasião é a possibilidade de mulheres,

⁴⁶ Para maiores informações ver: EURÍPIDES, *Helena*, 1468-1474; PAUSÂNIAS, III, 19.5.

⁴⁷ O *peã* seria um tipo de canto/coro ligado à renovação do tempo. Nos dizeres de Arthur Fairbanks, entoar o *peã* ampliava o contato com a divindade e possibilitava que a realidade fosse alterada, saindo de um momento de luto para outro relacionado à vitória sobre os instantes de crise. FAIRBANKS, Arthur. *A study of the Greek Paean*. Cornell Studies in Classical Philology, 12. Ithaca, New York, 1990. *passim*.

⁴⁵ MACDOWELL, Douglas. *Spartan Law*. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1986.p.40.

estrangeiros e escravos participarem desta festividade. Nos escritos de Pausânias e Ateneu, este pontuou que havia dois momentos distintos na *Jacíntia*, no qual o primeiro teria um teor de lamentação pela morte de Jacinto e o outro seria a celebração pelas honras a Apolo (PAUSÂNIAS, III, 19.3; ATENEU, *O Banquete dos Eruditos*, IV 139 d-f). Enquanto na primeira metade da festividade havia uma grande restrição nas ações dos participantes, o momento de celebração a Apolo – e a apoteose de Jacinto – invertia tal condição. Logo, na segunda metade da *Jacíntia* ocorria um banquete ritual no qual as mulheres, os estrangeiros, os escravos (*hilotas*) e os jovens interagem diretamente com os *esparciatas* e, possivelmente, com os *basileus* (ATENEU, 138 f). Por fim, os *esparciatas* se reuniam para realizar o *philition* (*sissition*), o qual era restrito a este grupo e aos seus *basileus* (ATENEU, 140 c).

Interagindo com a historiografia de Nicolas Richer, a *Jacíntia* pretendia romper com a ordem social cotidiana dos *esparciatas* e dos seus reis, haja vista a presença de escravos e estrangeiros durante uma festividade de demasiada importância. Segundo Richer, durante a *Jacíntia* a *pólis* de Esparta perpassava por uma desordem institucionalizada e consentida, cujo enfoque seria ampliar o *poder político* dos grupos hegemônicos através de uma manifestação

simbólica⁴⁸. Dialogando com Richer, podemos conjecturar que a *Jacíntia* pretendia fomentar e legitimar a proeminência político-cultural dos *esparciatas* e de seus *basileus* junto aos lacedemônios, bem como diante de autoridades estrangeiras. Ao se permitir que escravos, *periecos*, mulheres, jovens e estrangeiros participassem de sua festividade ritual, os segmentos dirigentes da Lacedemônia estariam ratificando a privilegiada posição social que detinham nesta região.

Desta maneira, podemos considerar que a “desorganização social” consentida na *Jacíntia* pretendia fomentar o *habitus* dos *esparciatas* e dos seus *basileus* junto ao *modo de pensamento* dos demais participantes desta festividade. Com isso, ao participarem das *práticas rituais* de Esparta os sujeitos ali envolvidos⁴⁹ estariam perpassando por um processo de *violência simbólica*, em virtude de seus interditos e permissões, que ratificavam o *poder político* e *simbólico* dos *esparciatas* e *basileus* na Lacedemônia. Retomando os pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu, verificamos que na *Jacíntia* o uso da *violência simbólica* seria inerente a autoridade dos *esparciatas* e *basileus*. Sendo assim, a *prática ritual* incutia a ordem

⁴⁸ RICHER, Nicolas. *La Religion des Spartiates – Croyances et Cultes dans l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 2012, p.362-363.

⁴⁹ Não seria incorreto inserirmos entre os participantes os *periecos*, pois ainda que fossem lacedemônios, os mesmos poderiam ser considerados como semelhantes aos aliados estrangeiros da *pólis* de Esparta.

político-social e as censuras junto ao *modo de pensamento* e a conduta dos demais lacedemônios sem o uso da força física.

Em suma, podemos concluir que embora os *esparciatas* e os *basileus* lacedemônios tenham empregado ações de *violência física* para com os *hilotas* e *periecos*, estas não foram às únicas medidas aplicadas para garantir a coesão social destes grupos⁵⁰. Entretanto, ainda que esses grupos submetidos tenham se rebelado em algumas circunstâncias específicas, o que verificamos no *discurso* das fontes primárias seria a conformidade e a complementaridade entre as ações de *esparciatas*, *periecos* e *hilotas*. Como pontuamos no decorrer deste trabalho, os segmentos hegemônicos da Lacedemônia fizeram com que os seus respectivos *habitus* fossem interiorizados por *periecos* e *hilotas*. Estes ao atuarem/agirem em conformidade às determinações dos *esparciatas* e dos seus *basileus* legitimavam o proeminente *lugar social* que estes últimos ocupavam. Desta maneira, o *poder simbólico* presente nos

⁵⁰ Podemos citar aqui o caso do *hilota* que vigiava o *basileu* Cleomenes I, que ao ser ameaçado de açoite pelo referido governante acabou entregando-lhe um punhal, com o qual este se matou (HERÓDOTO, Vi, 75.2). Ou ainda, temos o caso da conspiração de Cinadon, na qual o mesmo poderia ser identificado como um *esparciata* que perdeu a sua condição político-social. Este teria tentado conspirar contra Esparta com a colaboração de *hilotas*, *neodamodes*, *esparciatas* de menor estirpe e alguns *periecos* (XENOFONTE, *Helênica*, III, 3.6; ARISTÓTELES, *Política*, V, 1306 b). No contexto de Cinadon, verificamos que a *pólis* de Esparta puniu todos os envolvidos na conspiração com a morte (XENOFONTE, *Helênica*, III, 3.9-11), de tal maneira que pudessem servir de exemplo para os demais.

discursos míticos, nas *identidades étnicas* desenvolvidas e nas *práticas rituais* acabava incutindo uma forma de *violência simbólica* junto ao comportamento e ao *modo de pensamento* de *periecos* e *hilotas*. Logo, a *violência simbólica* teria a pretensão de sobrepujar a matriz cultural dos grupos submetidos, no intuito de promover o *habitus* dos segmentos hegemônicos. Por sua vez, podemos afirmar que a *violência simbólica* seria um meio eficaz de sobrepujar a resistência e a revolta, no processo de submissão política de grupos sociais específicos.

Referências

Fontes Primárias

- ARISTOTLE. *Politic*. Trans.: H. Rackman. London: William Heinemann Ltd., 1944.
- ATHENAEUS. *The Deipnosophists*. Trans.: Charles Burton Gulick. Vol. 2-4. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1957.
- DIODORUS SICULUS. *The Library of History*. Trans.: C.H. Oldfather. Vol.2. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- EURIPIDES. *Helen, Phoenician Women, Orestes*. Vol.5. Trans.: David Kovacs. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- HERODOTUS. *The History of Herodotus*. 4 Vols. Trans.: G.C. Macaulay. London: Macmillan, 1890.
- ISOCRATES. *Speeches*. Vol.2. Trans.: George Norlin. Cambridge: Harvard University Press, 1929.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Books III – V. Trans.: W. H. S. Jones.

- London: William Heinemann Ltd., 1955.
- PLATO. *Laws*. Trans.: R.G. Bury. Cambridge: Harvard University Press/The Loeb Classical Library, 1968.
- PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. Vol.1. Trans.: Bernadotte Perrin. London: William Heinemann Ltd., 1917.
- PSEUDO-APOLLODORUS. *The Library*. Trans.: Sir James George Frazer. London: William Heinemann Ltd., 1921.
- STRABO. *Geography*. Vol 4. Trans.: Horace Leonard Jones. London: William Heinemann Ltd., 1927.
- THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. 4 Vols. Trans.: Charles Forster Smith. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1956.
- TIRTEU. *Eunomia e exortações*. Trad.: Rafael Brunhara. In: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação em letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2012.
- XENOPHON. *Hellenica*. Trans.: Carleton Brownson. London: William Heinemann Ltd., 1921.
- _____. *Minor Works*. Trans.: E.C. Marchant. London: William Heinemann Ltd., 1925.
- BOURDIEU, Pierre. The Aristocracy of Culture. In: *Media, Culture and Society*, Vol. 02, [p.225-254], 1980.
- _____. *O Poder Simbólico*. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.
- _____. *Masculine Domination*. Trans.: Richard Nice. California: Stanford University Press, 2001.
- _____. *O Senso Prático*. Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- BRUNHARA, Rafael. O Fragmento 2W de Tirteu e a poética da *Eunomia*. *Classica* (Brasil), 24. 1/2, 2011.
- DUCAT, Jean. The Ghost of the Lakedaimonian State. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (Ed.). *Sparta: The Body Politic*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2010.
- FAIRBANKS, Arthur. *A study of the Greek Paeon*. Cornell Studies in Classical Philology, 12. Ithaca, New York, 1990.
- FIGUEIRA, Thomas. The Evolution of the messenian Identity. In: HODKINSON, Stephen; POWELL, Anton. *Sparta New Perspectives*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009 [1999].
- GALLEGO, Júlían. *Campesinos en la ciudad – basis agrárias de la pólis griega y la infantería hoplita*. Buenos Aires: Del Signo, 2005.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- HALL, Jonathan M. Sparta, Lakedaimon and the Nature of Perioikic Dependency. In: FLENSTED-JENSEN, Pernille (Ed.). *Further Studies in the Ancient Greek Polis*. Stuttgart: F. Steiner, 2000.
- HODKINSON, Stephen. Was Sparta an Exceptional Polis? In: _____ (Ed.). *Sparta – Comparative Approaches*.

Fontes Secundárias

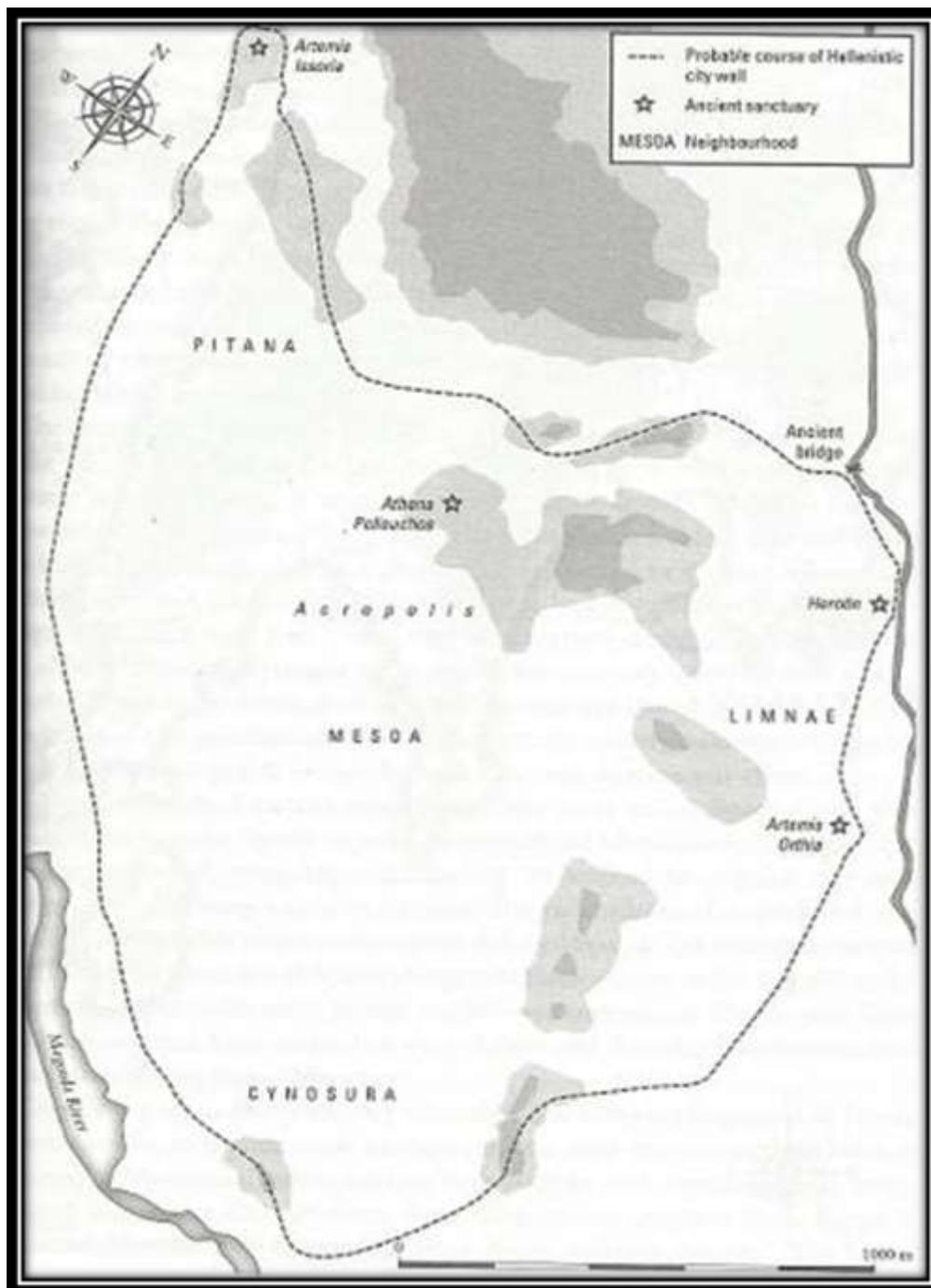
- ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de. As Relações de Poder na pólis de Esparta através dos escritos do período Clássico. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; BIRRO, Renan Marques. *Relações de Poder: da Antiguidade ao Medievo*. Vitória: DLL/UFES, 2013.
- BIRGALIAS, Nikos. Helotage and Spartan Social Organization. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (Eds.). *Sparta: Beyond the Mirage*. Swansea: The Classical Press of Wales; Duckworth, 2002.

- Swansea: The Classical Press of Wales, 2009.
- KENNEL, Nigel. *Spartans – A new history*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- LÉVY, Edmond. *Sparte – Histoire Politique et sociale jusqu'à La conquête romaine*. França: Éditions Du Seuil, 2003.
- MACDOWELL, Douglas. *Spartan Law*. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1986.
- MALKIN, Irad. *Myth and Territory in the Spartan Mediterranean*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- RICHER, Nicolas. *La Religion des Spartiates – Croyances et Cultes dans l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 2012.
- RUSCH, Scott M. *Sparta at War: Strategy, Tactics, and Campaigns, 550-362 BC*. London: Frontline Books, 2011.
- SAQUET, Marcos Aurélio. *Os Tempos e os Territórios da Colonização Italiana*. Porto Alegre: EST Edições, 2003.
- SHIPLEY, Graham. Perioecic Society. In: WHITBY, Michael. *Sparta*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.
- _____. Lakedaimon. In: HANSEN, Mogens Herman; NIELSEN, Thomas Heine. *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- VAN WEES, Hans. Conquerors and Serfs: wars of conquest and forced labour in archaic Greece. In: LURAGHI, Nino; ALCOCK, Susan (Ed.). *Helots and Their Masters in Laconia and Messenia – Histories, Ideologies, Structures*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- Como citar:** ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim de. *A hegemonia política dos espartanos e formas de violência simbólica com os periecos e hilotas na lacedemônia, do período clássico*. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.2, Mai. 2015. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>

Mapa 01 – da Lacedemônia, no século V a.C.⁵¹



⁵¹ RUSCH, Scott M. *Sparta at War: Strategy, Tactics, and Campaigns, 550-362 BC*. London: Frontline Books, 2011.p.06.

Mapa 02 – Pólis de Esparta, no século V a.C.⁵²

⁵² Convém ressaltar que este mapa não engloba o assentamento de Amicleia, que se encontrava 5 km ao sul do centro de poder político de Esparta. Fonte: RUSCH, Scott M. *Sparta at War: Strategy, Tactics, and Campaigns, 550-362 BC*. London: Frontline Books, 2011.p.05.